

Gimeno Sacristán e a questão do tempo na educação

Renato Possebon

GIMENO SACRISTÁN, José. *El valor del tiempo en educación*. Madrid: Ediciones Morata, 2008. 180 p.

José Gimeno Sacristán é catedrático de Didática e Organização Escolar na Universidade de Valência. Atuou como professor nas universidades Complutense de Madrid e de Salamanca e em outras, espanholas e estrangeiras. É autor de diversas publicações sobre ensino e educação. Entre os seus últimos livros editados estão: *A educação obrigatória* (2001), *A educação que ainda é possível* (2008), *Saberes e incertezas sobre o currículo* (2013) e *Profissão professor* (2014). Na obra *El valor del tiempo en educación*, sem tradução para o português até o momento, ele apresenta ao leitor diferentes pontos de vista sobre o tempo.

Conforme o próprio autor refere, Santo Agostinho já escreveu que sabe o que é o tempo, desde que não seja questionado sobre isso. O tempo, essa coisa intangível e, simultaneamente, tão parte de nossa vida, é de difícil apreensão. Contudo, é uma dimensão fundamental na instituição e na organização da escola. Sendo assim, trata-se de um tema de grande relevância para as pesquisas e práticas educacionais, porém, pouco estudado e discutido. Frente a isso, é possível afirmar que essa obra traz uma discussão importante e atual para repensar a escola, ainda mais se levarmos em conta o interesse crescente dos diferentes sistemas educacionais em aumentar o tempo de escolarização.

Já na introdução, o autor nos coloca que suas problematizações irão além de simples discussões sobre os horários e os calendários escolares:

Este libro no se ocupa del horario o del calendario escolares, al menos no sólo de ellos. Tampoco se centra en el tiempo del profesorado, aunque también lo contempla. Trata de los tiempos en plural y del cruce de tiempos escolares y no escolares, de tiempos de socialización y de enseñanza, de tiempos regulados

y tiempos vividos, de tiempos que merecen la pena extender y de otros que desearíamos suprimir. También de los tiempos escolares y familiares. Pero, ante todo, como lo importante es el sujeto por antonomasia de la educación, lo que nos interesa más es descubrir cómo el alumnado vive su tiempo para ver indicios de cómo podría vivirlo mejor. (p. 12).

Portanto, o autor faz uma discussão ampla, com destaque para o que os alunos fazem com seu tempo e o que o tempo escolar faz com os alunos. Ainda que reconheça que o tempo objetivo sirva como elemento organizador da escola, seu foco é o tempo vivido, o da experiência. O interesse de Gimeno Sacristán pelo tema vem de longa data. No momento em que escrevia, dedicava-se a essas problematizações há mais de dez anos, tendo sido incitado a esse estudo quando tiveram lugar, na Espanha, reivindicações dos professores para implantação da jornada de tempo integral. Ao iniciar os estudos, logo se deu conta de que a discussão não deveria se resumir ao número de horas diárias que os alunos permaneceriam na escola, deslocando-se para questões mais qualitativas.

A obra em pauta é fruto das longas pesquisas e estudos do autor, sendo dividida em sete capítulos. No primeiro, intitulado "Las concepciones del tiempo y la educación", Gimeno Sacristán discorre acerca de alguns fatores determinantes da concepção de tempo (fatores históricos, fatores sociais, condicionantes econômicos, fatores organizacionais, concepções de educação e de currículo). Basicamente, haveria duas grandes linhas a serem exploradas: o tempo físico objetivo, mensurável pelo relógio, e o subjetivo, que se realiza em nossa experiência pessoal e coletiva. Na primeira acepção, é um pano de fundo sobre o qual se desenrola nossa vida; na segunda, é algo que se vive. O tempo como experiência conecta, dá continuidade e, também, separa uma geração de outras; nos une a alguns e nos afasta de outros. Por outro lado, o autor aponta que o tempo objetivo é o tempo que permite a organização escolar.

No segundo capítulo, "Cuatro perspectivas sobre el tiempo: los tiempos en educación", Gimeno Sacristán apresenta quatro diferentes dimensões que se devem conjugar para a compreensão do tempo escolar. São elas:

- o tempo físico-matemático (que se mede, se ordena, se distribui e se controla);
- o tempo como uma dimensão biológica e biopsíquica (que estabelece os processos de crescimento e desenvolvimento da vida, como vigília, sono e fadiga, por exemplo);
- o tempo pessoal das vivências (que é pessoal e subjetivo, que é o conteúdo da experiência que dá sentido do que é o tempo para quem vive, desenvolve as atividades e ações mais diversas); e
- o tempo social (que estabelece a estrutura e a vida social pelos costumes e hábitos).

No terceiro capítulo, "El tiempo de la educación y su eficacia", o autor afirma que em processos educacionais não é a quantidade de tempo reservado que confere eficácia, mas a proficuidade desse tempo. Portanto, a questão não é se se deve ou

não ampliar a jornada escolar, mas a relevância social e educacional das atividades a serem desenvolvidas. O autor sugere que se substitua o imperativo de prolongamento dos tempos de escolarização por questionamentos: Que tempo requer a educação que desejamos? Qual é o tempo necessário para cumprir os objetivos propostos para que se desenvolvam os processos de aprendizagem que supomos ser convenientes? É suficiente o tempo atualmente destinado à escolaridade para conseguir os fins que reclamamos que cumpra?

No quarto capítulo, “El valor educativo y la efectividad del tiempo presente”, destaca-se a importância da experiência no processo educativo. Nas palavras de Gimeno Sacristán:

La relación entre profesores y estudiantes tiene múltiples dimensiones y se proyecta sobre facetas muy diversas de las prácticas educativas. Las relaciones entre adultos y menores son fundamentales en la socialización de éstos, siendo la que se desarrolla en las instituciones educativas una relación de especial significado, por ser prolongada y porque la entendemos como específicamente dirigida a influir en los menores en una dirección determinada, lo cual legitima al adulto-profesor para intervenir en nombre de un proyecto de transformación de los menores-alumnos con toda la autoridad. (p. 90).

O autor adverte que estar implicado em tarefas escolares não é exatamente estar aprendendo. Desse modo, o tempo líquido de aprendizagem não equivale ao tempo de ensino e, tampouco, ao de escolarização. A qualificação do tempo escolar passa pela maximização do tempo de aprendizagem.

No quinto capítulo, “El tiempo escolarizado fuera del horario escolar: la escolaridad se hace a sí misma insuficiente”, Gimeno Sacristán aborda o sentido das tarefas escolares realizadas em horário extraclasse, bem como os efeitos desse trabalho realizado fora do espaço escolar e que será avaliado, posteriormente, dentro desse espaço. Enfatiza que o tempo da escola atua como uma fonte de desigualdades e que, para propor a extensão das atividades para além da sala de aula, seria necessário responder às seguintes perguntas: Existem razões para estender o tempo de escolarização para além daquele que é obrigatório a todos? A desigualdade se produz na medida em que apenas parte dos alunos têm condições de desenvolver as atividades em tempos extraclasse?

No sexto capítulo, “Otro tiempo para disfrutar... de otra cultura, a la que llamamos extraescolar”, o autor ressalta novamente que muitas desigualdades são geradas com exigências que estão relacionadas com o que está situado fora da escola. Destaca, também, a importância de realizar outras atividades no tempo livre, que é aquele reservado a atividades não compulsórias, seja direta ou indiretamente, não ligadas estritamente ao desenvolvimento do currículo ou a outras normas que regem os centros educativos. Gimeno Sacristán discute a atitude das famílias em relação às atividades extracurriculares, que as consideram como um complemento da educação de seus filhos. O capítulo é finalizado abordando as vantagens e a importância da internet tanto para o presente quanto para o futuro da educação, salientando que ainda não podemos prever seus efeitos indesejáveis.

No último capítulo, “La jornada escolar: un debate sin conclusión”, Gimeno Sacristán argumenta que é óbvia a necessidade de uma reforma educacional

associada com uma revisão da nossa concepção dos tempos (e de espaços) escolares. A transformação das concepções de tempo por parte dos professores é necessária e não deve simplesmente visar à redução da carga de trabalho, mas se conectar a transformações mais profundas de suas concepções educacionais. Talvez estejamos testemunhando mudanças sociais e de valores que representam um novo modo de vida. As bases sociais que sustentam os modos de vida atuais podem corresponder a usos do tempo menos regulados pela tirania escolar, em uma sociedade na qual o lúdico, o gozo do presente e a imprevisibilidade do futuro levam à procura de satisfações no presente.

A obra *El valor del tiempo en educación* explora aspectos temporais das escolas que contribuem para que repensemos o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o tempo do relógio, do componente físico, é relativizado, e o tempo de vida, da vivência individual e coletiva constituída por particulares significados, é enfatizado. Com base nisso, podemos questionar uma ânsia generalizada que se encontra no Brasil e em outros países de uma crescente expansão dos tempos escolares, seja pelo prolongamento das jornadas, seja pelo aumento do número de dias letivos. Em relação ao Brasil, as teorizações de Gimeno Sacristán nos fazem questionar as direções do Programa Mais Educação, que no último ano restringiu seu foco mais amplo, com a possibilidade de realização de atividades culturais e esportivas, para a aprendizagem de português e matemática.

Além do Programa Mais Educação, questiono a eficácia do novo ensino médio proposto pelo governo brasileiro em 2016, que pretende generalizar para esse nível o tempo integral, implantando currículos com jornadas de sete horas diárias. E não apenas a eficácia do programa, como também o aprofundamento das desigualdades, tendo em vista que as condições de vida de muitos jovens não lhes permitirão permanecer por tempo integral na instituição escolar.

180

Renato Possebon é mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), atualmente em doutoramento no mesmo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU).

renatopossebon@terra.com.br

Recebido em 23 de setembro de 2017

Aprovado em 9 de novembro de 2017